

---

---

## PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ATUANTES NA MUSCULAÇÃO: A DOR CORPORAL COMO PERFORMANCE LABORAL

### PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONALS IN FITNESS CENTERS: THE CORPORAL PAIN LIKE LABOR PERFORMANCE

Alan Camargo Silva<sup>1</sup> e Jaqueline Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

---

#### RESUMO

Os sentidos e os significados atribuídos ao corpo e às dores são valorizados de modo singular por cada grupo social e particularizados em dado tempo histórico. Assim, o objetivo deste trabalho foi identificar e discutir em que medida os profissionais de Educação Física do setor da musculação de uma academia de grande porte atuam entre um “limite” de performance laboral e de dor corporal. A partir dos referenciais teórico-metodológicos do Interacionismo Simbólico e da Antropologia da Performance, empreendeu-se uma etnografia com profissionais de Educação Física durante dez meses entre os anos de 2012 e 2013. As análises das observações registradas em diário de campo indicaram que parte da competência laboral do profissional de Educação Física estava atrelada ao desempenho corporal representado na capacidade de prescrever os exercícios físicos e treinar no “limite” das dores.

**Palavras-chave:** Dor. Academias de ginástica. Educação física e treinamento.

---

#### ABSTRACT

The senses and meanings related to the body and pains are valorized in a particular way by different social groups in a specific time in history. Therefore, the main objective of this work was to identify and discuss how the Physical Education professionals act between a “limit” and a labor performance in a big Fitness Center. With the theory and methodology of the Symbolic Interactionism and the Anthropology of Performance, the research consisted in an ethnography with these professionals during ten months between 2012 and 2013. The analyses based on the field diary indicated that the labor competence of the Physical Education professional was in some cases associated with the corporal performance, seen the capacity of prescribe exercises and practice in the “edge” of pains.

**Keywords:** Pain. Fitness centers. Physical education and training.

---

#### Introdução

A relação entre o corpo e o seu *status* no interior de determinado contexto e grupo social cada vez mais integra os estudos antropológicos. Nessa seara de pesquisas que apreendem a visibilidade de determinados “corpos”, o presente trabalho se pauta na aproximação entre a perspectiva do Interacionismo Simbólico<sup>1,2</sup> e o respaldo teórico-metodológico da Antropologia da Performance<sup>3,4</sup>. Isto é, entende-se que a atuação profissional em Educação Física em academia é construída no cotidiano e relativizada em função dos tipos de contatos face a face em determinadas situações de interação que podem revelar performances de papéis sociais ligadas as estruturas da sociedade. Assim, consideram-se os professores como os atores sociais em “cena”, os alunos como a “audiência” ou a “plateia”, a musculação como o “palco de encenação” e a forma de se exercitar no “limite” das dores corporais como uma performance laboral necessária para pertencer àquele espaço.

Tal empreendimento investigativo se estabeleceu no trabalho de campo durante o convívio do pesquisador com seus interlocutores. Ainda que as dores corporais sejam uma realidade relativamente comum para aqueles que lidam com os esforços físicos exigidos pelas práticas corporais, a regularidade e a intensidade do contato face a face do pesquisador com

os participantes do estudo propiciaram o que DaMatta<sup>5</sup> denomina de “descoberta etnográfica”: momento em que o pesquisador passa a notar determinadas regras sociais em dadas lógicas nativas. Assim, ao longo do tempo, foi possível detectar a relevância da dor corporal em determinados papéis sociais e em dadas situações e, igualmente, nas interações entre os sujeitos no cenário da academia, especialmente, no setor da musculação.

A noção de “capital corporal” é utilizada para refletir e investigar quais implicações ocorrem quando alguns “corpos” são considerados ou classificados mais ou menos aceitáveis em dado meio social e tempo histórico<sup>6</sup>. Algumas pesquisas identificaram o corpo do professor de Educação Física nas academias como um valor dado a funcionalidade do mesmo, bem como a necessidade de uma aparência específica para exercer a atividade<sup>7-11</sup>. Isto torna-se mais evidente quando nas grandes academias, há indícios de que com o avanço da idade reduz-se o prestígio, as possibilidades de construção de uma carreira profissional e as chances de se manter no mercado de trabalho, pois a competência atrelada à juventude e à imagem se sobrepõe à experiência e aos saberes adquiridos ao longo do tempo<sup>12-15</sup>.

Objetiva-se, portanto, identificar e discutir em que medida os profissionais de Educação Física do setor da musculação de uma academia de grande porte atuam entre um “limite” de performance laboral e de dor corporal. A dor aqui é entendida no sentido de Sarti<sup>16:4</sup>: “A singularidade da dor como experiência subjetiva torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade. [...] As experiências vividas pelos indivíduos [...] serão constitutivamente referidos à sociedade à qual pertencem.”. Os dados do presente manuscrito fazem parte de uma pesquisa etnográfica delineada em uma tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>17</sup>.

## Procedimentos metodológicos

O presente trabalho não considera a etnografia como um método<sup>18</sup>, mas uma forma do observador de conceber e se reconhecer como integrante do processo de conhecimento. Tal posicionamento do etnógrafo deve ser revisitado ou estranhado a todo instante na medida em que o resultado de uma pesquisa representa um diálogo e uma negociação de pontos de vista<sup>19</sup>, isto é, a (re)construção do conhecimento se estabelece por meio de intersubjetividades<sup>20</sup>.

A observação participante teve como objetivo apreender o ponto de vista dos pesquisados a partir de uma inserção cotidiana, prolongada e aprofundada do pesquisador no campo<sup>21</sup>. Entre os anos de 2012 e 2013, durante dez meses, por quatro horas na frequência de duas vezes na semana, primordialmente à tarde/noite, foi realizada a observação participante. Um diário de campo foi criado para anotar as vivências e os diálogos estabelecidos no dia a dia, assim como, as análises e as interpretações do pesquisador nesse período.

Delimitou-se aqui a observação realizada no setor da musculação de uma academia de grande porte de um bairro considerado “nobre” ou “rico” da cidade do Rio de Janeiro. Essa academia, localizada em um bairro considerado de alto poder aquisitivo, abrange famílias de classe média-alta e alta, possuindo uma realidade socioeconômica acima da média das outras regiões cariocas. O lócus analisado faz parte de uma das redes de academias mais conceituadas no nível nacional no que diz respeito à sua infraestrutura, à quantidade do público atendido, ao número de unidades instaladas no Brasil e ao ecletismo de modalidades de práticas corporais e de serviços oferecidos aos seus frequentadores.

Para o pesquisador acessar e circular por esta academia, privada e altamente hierarquizada por ser considerada uma megaempresa, foi necessário o auxílio de um *gatekeeper*, ou seja, alguém que possibilitasse a entrada neste estabelecimento para a

realização do estudo<sup>22</sup>. O etnógrafo acionou um dos gerentes da academia que conhecia a fim de apresentar a proposta da pesquisa. Após três meses, entre reuniões e avaliações sobre o teor do estudo, foi autorizada a observação participante. Nesse sentido, embora os professores do estabelecimento tenham atribuído diversas identidades ao pesquisador (supervisor, estagiário, profissional, dono, aluno/cliente, fiscal do Conselho Regional de Educação Física, etc.), esse foi aceito como investigador transitando livremente na musculação, sem realizar os exercícios, como pode ser visto em Silva<sup>17</sup>. Vale lembrar que “[...] mesmo tendo obtido todas as permissões oficiais, é fundamental construir a aceitação do pesquisador e de seu estudo junto aos vários atores locais.”<sup>23:166</sup>, o que foi possível durante o convívio com os interlocutores.

O universo aqui analisado são os profissionais de Educação Física que possuíam os seguintes perfis: a) faixa etária entre vinte a trinta anos; b) a maioria era do sexo masculino; c) formados majoritariamente em cursos de bacharelado e em faculdades particulares; d) grande parte já havia realizado cursos de pós-graduação *lato sensu*; e) trabalhavam em média duas ou três vezes na semana, durante seis horas por dia, ganhando de oito a doze reais por hora/aula no setor da musculação e complementando a renda financeira em outros locais e/ou com serviços de *personal trainer* que giravam em torno entre sessenta a cento e cinquenta reais a hora/aula. Tais informações foram solicitadas aos pesquisados em conversas informais durante o trabalho de campo a fim de oferecer ou compor um panorama geral dos professores atuantes na academia estudada. Entretanto, o presente estudo não pretendeu “[...] ver tipos de pessoas como categorias analíticas [...] em vez disso, tipos de atividades em que as pessoas se envolvem ocasionalmente.”<sup>24:68</sup>. Assim, para além de demarcar os marcadores sociais e as trajetórias individuais dos professores, optou-se por analisar situações e interações sociais em que tais sujeitos estabeleciam no dia a dia, isto é, “Em cada um desses contatos a pessoa atende a desempenhar o que às vezes é chamado de linha – quer dizer, um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação [...]”<sup>2:13</sup>.

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro aprovou e autorizou a realização do presente estudo (CAAE: 01559712.7.0000.5286 / Número do parecer: 203.235), estando, assim, de acordo com os aspectos éticos registrados nas Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os pesquisados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), recebendo, neste texto, nomes fictícios a fim de garantir o anonimato dos participantes do estudo.

## **Apresentação e discussão dos achados**

### *Dores corporais entre o professor-aluno e o profissional-cliente*

As diversas noções de “limites” das dores corporais dos alunos/clientes construídas durante os exercícios físicos e dos professores/profissionais de Educação Física no cotidiano laboral traduziam-se como maneiras de se legitimar naquele estabelecimento. Mais do que qualquer sensação física ou percepção psicológica, tais “limites” das dores corporais representavam moralmente como exercer determinados papéis em dadas interações e situações sociais. Goffman<sup>1:135</sup> lembra que “Os atores têm consciência da impressão que criam e geralmente também possuem informação destruidora a respeito do espetáculo”.

A interação entre o professor e o aluno nessa academia era caracterizada por uma relação entre profissional e cliente. Os professores comentavam que aquilo que se “aprendia na faculdade” ou o que os “artigos científicos falavam” se distanciavam da realidade prática de trabalho justamente pelo público ser visto como “clientela”. De fato, a forma como os professores recebiam ou se despediam dos alunos remetia-me às de um estabelecimento

comercial qualquer: “Seja bem-vindo! O que precisar, é só me chamar!”, “Mais um dia na academia, fique à vontade!”, “Espero que tenha ficado satisfeito com o serviço, volte sempre!” ou “Tenha um ótimo final de semana, estamos aqui de braços abertos te aguardando!”.

Nessa perspectiva, o próprio corpo do professor era uma “mercadoria”. A lógica era a de que o professor deveria ser de “treinador”; ao mesmo tempo em que esse monitorava os esforços físicos dos alunos, deveria executá-los também. Isso era particularmente verdadeiro quando o mesmo deveria ser exemplo de que também suportava as dores corporais advinda dos treinos para conquistar a sua clientela. O “corpo do professor” era um exemplo da competência profissional do mesmo, haja vista que quanto mais conseguia superar ou potencializar os seus “limites” de dores relacionadas às estafas físicas, maior reconhecimento teria do seu público. Nessa direção, Schechner<sup>4:175</sup> destaca que “Se os participantes esperam mais do que os preparadores podem oferecer, a performance é inadequada [...]”.

O nível de dores corporais cultuado pela maioria dos profissionais durante as prescrições de exercícios físicos ficava aquém do que iam propondo para seus alunos, pois estes possuíam uma noção de corpo não como um “fim em si”, mas um meio importante de se relacionar socialmente. Por exemplo, isso podia ser visto quando frequentemente observava grandes círculos de conversas entre os aparelhos de musculação demonstrando que o fato de exercitarem ali estaria em segundo plano. Por vezes, comentavam também como a sociabilidade em compartilhar entre eles aspectos de sua vida pessoal, seu acesso à bens de consumo e de lazer, ultrapassavam a questão de sentir ou não dores durante as práticas corporais. Em um desses encontros, escutei um dos alunos chamando o outro dizendo para “pegar uma cerveja e sentar com eles ali na sala”, brincando como se estivesse em algum bar em um momento de lazer.

A percepção de “limites” de dor nos exercícios físicos era diferente entre profissional e cliente:

Sílvia: Régis, eu estou toda dolorida do treino!

Prof. Régis: É normal, isso é resultado da combinação de todas as aulas que você fez com a musculação.

Sílvia: O que eu faço então para não sentir?

Prof. Régis: Isso é normal, esquece!

Adelmo: Acabei de treinar! Meu braço está como se tivesse pra tirar sangue com aquele elástico, o braço tá apertado demais!

Prof. Alfredo: É normal, é assim pra crescer!

Adelmo: Tem certeza? Nunca tinha sentido isso assim tão forte.

Prof. Alfredo: Relaxa! Continua assim que você vai longe!

Eu: E aí, Adelmo, como foi o treino de hoje?

Adelmo: Meio estranho, estou sentindo muita dor!

As representações dos professores de Educação Física reproduziam o que a equipe de profissionais dali privilegiava: exigir ao máximo dos alunos no que diz respeito às dores corporais. No sentido de Goffman<sup>1:99</sup>, “Uma equipe é um grupo, mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação”. Destarte, para grande parte dos professores, existia a busca de uma produtividade corporal crescente durante o máximo de tempo que se podia extrair de certo período como uma forma de uma “pedagogia das rugas”, isto é, os esforços físicos deveriam ser visíveis nos rostos dos alunos. Nesse caso, havia uma gestão de cuidados com o corpo como se o mesmo fosse uma máquina da qual era preciso tirar o máximo de rendimento. Peres<sup>25</sup> aponta que as práticas corporais presentes nas atuais

academias de grande porte estão vinculadas à ideia que deve ser exigido a sua máxima produtividade dos sujeitos.

Paradoxalmente, a maioria dos alunos que evitava os esforços físicos extenuantes, cobrava do professor certa atitude profissional de ser exigente quanto a levá-los no “limite” das dores corporais:

Wanda: Os abdominais daquele professor são bem “puxados”, né?

Renata: É, também acho, mesmo eu cansada, acho que ele dá pouco, mas é bom mesmo assim.

Romeu: Os exercícios foram bons?

Guilherme: Foi, só tinha trinta segundos de intervalo!

Romeu: Então foi foda mesmo. Esse professor novo é foda!

Guilherme: Mas aos poucos, fui dando uma “segurada” no esforço.

Ou seja, um professor “bom” seria aquele que levava o aluno no “limite” dos esforços físicos. Assim, era esperado um constante incentivo e estímulo por parte do professor de forma a superar seus “limites” corporais, mas, ao mesmo tempo, que fosse cuidadoso com as suas tolerâncias individuais. Crossley<sup>26</sup> afirma que apenas alguns tipos de dores podem ser “prazerosas” para os frequentadores de academias, tendo a ideia de certa “dor adequada” de exercício físico.

#### *Dores corporais e legitimidade profissional*

O professor de Educação Física possui o diferencial no sentido de utilizar-se de seu próprio corpo como elemento de mediação profissional<sup>14</sup>. Nesse sentido, os profissionais necessitavam lidar com os seus próprios “limites” corporais:

Eu: E o joelho? Como ele está? Você está mancando um pouco, né?

Prof. Gilmar: O joelho já está bom, foi só uma luxação no ligamento colateral medial. Estou fazendo fisioterapia. Pelo fato de ter que trabalhar muito tempo em pé, tenho que sair da sala de musculação e colocar gelo. Já estou uns dias tomando anti-inflamatório, sem problemas agora! Isso não me afeta mais! Apenas isso, nada demais.

Eu: Reginaldo, você que trabalhou em outras academias, me ajuda em um negócio: o público daqui age diferente de outras academias no que diz respeito à dor?

Prof. Reginaldo: A galera mais pobre geralmente tem um limiar de dor mais alto, aqui na Barra é tudo “viadinho”, eu sei disso porque eu já trabalhei em outra academia, lá na Zona Oeste, em Campo Grande. Ontem mesmo meu aluno foi um exemplo disso: fomos correr na areia, ele ficou o tempo todo reclamando do músculo solear. Ele fica falando que tem que ficar alongando, toda hora é isto, muito viado e eu, com uma puta dor no joelho, parecia que estava enfiando uma agulha na minha patela, continuei correndo sem falar nada pra ele. Daí, tivemos que nos deslocar para o bosque, ele disse que ficaria melhor porque não ia sentir dor, fala sério, mal sabe ele que lá tem mais impacto para as articulações.

Ou seja, o profissional vivenciava e ressignificava o ato de prescrever os exercícios físicos de forma experiencial a partir do seu próprio corpo – leia-se fragmentado na medida em que considera a dimensão física. Na interação com os alunos, o professor ganhava legitimidade se trabalhasse o corpo ao “limite”, indo ao encontro do senso comum de que o corpo do professor de Educação Física é mais “preparado”. Expor a dor ou não aos seus alunos dependeria do contexto, se essa legitimidade fosse afetada ou não. A dor somente deveria ser declarada caso servisse para mostrar a capacidade do mesmo em suportá-la, mas se demonstrasse fraqueza, ela deveria ser ocultada. Em termos gerais, os professores de Educação Física dramatizavam aquilo que Goffman<sup>2:13</sup> denomina de “[...] linha – quer dizer,

um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria”.

Assim, por um lado, o fato de se manter no “limite” era um legítimo dado compartilhado entre os profissionais para se exigir “mais” dos seus alunos que porventura também estivessem com os mesmos sintomas. Os profissionais relatavam que se eles conseguiam trabalhar com tais algias, os alunos podiam e deveriam realizar as práticas corporais do mesmo modo “sem questionar”. Por outro lado, por vezes, era necessário esconder suas dores de forma a não comprometer a legitimidade de sua competência profissional.

Além disso, presenciei inúmeras situações que demonstravam distintas representações da dor entre professor de Educação Física e aluno:

Eu: E aí? Como está esta série?

Elaine: Poderia estar pior. Vou contar uma coisa para você em *off*. Os professores aqui cobram demais da gente daí sabe o que faço? Quando o professor decide o peso que eu devo usar, finjo que a carga está muito alta para o professor parar de me perturbar. Às vezes, está bem leve, mas faço uma cara de esforço para ele não ficar insistindo que tenho que aumentar. Faço isso também na avaliação, meus resultados ficam bem aquém do que eu posso chegar, mas isso não me interessa, entende? O pessoal aqui é assim! Eu não estou aqui pra tortura, entendeu?

João: Seu trabalho tem relação com o professor de Educação Física?

Eu: Mais ou menos, por quê?

João: Se é de professor não vai adiantar de nada, é uma cultura de vida e profissional que tem que acabar com o aluno, eles querem me ver se fuder. Por exemplo, aqui eu pego dezessete quilos e meio, mas eu poderia pegar vinte e quatro quilos, entende? Mas eu não quero, estou bem, já tive *personal* há três anos, fala muito, parece aula de fonoaudiologia, ele queria me fuder toda hora. O professor não quer saber se a gente tem um “teto” máximo pra treinar, todos eles querem ultrapassá-los.

Em outras situações, o lugar do professor se invertia com o do aluno no sentido do cuidado com o corpo. Os alunos aconselhavam os profissionais no sentido de cuidarem mais da saúde pela perspectiva da racionalidade biomédica, de trabalharem menos, de prestarem atenção na “exploração laboral” do estabelecimento, de terem mais tempo para a família e o lazer, etc. Os alunos estranhavam os profissionais com algias e que não demonstravam interesse em verificar o que estava acontecendo com o próprio corpo ou com os riscos que os acometiam.

O fato de ter que trabalhar demasiadamente por longas jornadas obrigava o professor a conviver com grande desconforto físico. Para o profissional de Educação Física, seu corpo correspondia a um “corpo do trabalho braçal” resumido a um “corpo produtivo e instrumental” em virtude do trabalho na musculação. Para os alunos, tratava-se de buscar determinadas formas físicas. Embora não fosse uma prerrogativa absoluta, confirmava-se a ideia de Boltanski<sup>27</sup> que pode haver distinções entre certos usos do corpo de acordo com as profissões; por exemplo, quanto mais alta é a camada social, maior tendência de se praticar atividades físicas e menor é o uso do corpo nas atividades laborais.

A lógica utilitarista de aptidão para o trabalho compreendida e ressignificada pelo profissional se destoava dos seus alunos na medida em que, para os professores, “A saúde, na representação deles, está a serviço do trabalho, dessa forma o professor tem como regra a obrigação de estar apto para desempenhar suas funções laborais, deixando outras coisas relegadas a segundo plano.”<sup>7:51</sup>. Assim, os dados dessa pesquisa contrapõem os de Guimarães<sup>28:211</sup> quando afirmam que o profissional “[...] descuida-se da sua saúde para aumentar os rendimentos salariais, por meio do aumento quantitativo de clientes de atividades *personal* e

de aulas coletivas.”, pois, em algumas ocasiões, a possibilidade de trabalhar significava justamente “saúde”.

Em outras palavras, para os profissionais, ser ou estar “saudável” significava, em parte, se as suas dores corporais poderiam legitimar ou não os seus desempenhos laborais. Para os alunos, na maioria das vezes, sentir dor era sinônimo de uma “saúde fragilizada ou comprometida”. Em termos gerais, tanto o professor quanto o aluno exercitavam ou transitavam por diferentes performances que se propõem a ajustar os papéis sociais em função das circunstâncias sociais e pessoais<sup>3</sup>.

Assim, as performances laborais dos professores de Educação Física deveriam ser mantidas em interações face a face com os alunos a fim de dar legitimidade à sua atuação. A intenção dos professores era que este tipo de “limite” imposto ao corpo não comprometesse a sua “fachada”, no mesmo sentido dado por Goffman<sup>1</sup>, isto é, o seu papel de desempenhar as suas competências profissionais ali na musculação.

### *Dores corporais e performances laborais*

Os professores de Educação Física compreendiam que apenas com as dores nos exercícios físicos o resultado corporal surgiria. Isso ocorria por positivarem os possíveis efeitos fisiológicos da lógica “sem dor, sem ganho” ou por criarem um modo de fidelizar o cliente na medida em que tornavam o aluno dependente ou em constante busca dos próprios “limites” das dores corporais. Discursos no imperativo e de forma intimidatória ou desafiadora eram presentes na atuação do professor ao se dirigir aos alunos ou aos outros profissionais, tais como: “Acho que isso tá levinho, hein?”, “O próximo exercício não é mole não, hein?”, “Nesse exercício você vai ficar roxo, não chora não!”, “Tá com medo de mais peso?”, “Esse exercício aqui você vai sofrer, vê aí!”, “Pára de chorar, vai logo e faz!”, “Se não aguenta pegar essa carga, não desconta em mim depois não!”, “Tem que fazer esse exercício durante cinco minutos agora e sem reclamar!”, “Vou acabar com a sua musculatura posterior hoje, você vai ver!”.

Entre eles circulava uma cobrança e/ou desafio em relação às performances corporais. Imperava uma lógica de que “se eu consigo fazer, você também pode e deve fazer!”:

Prof. Volney: Não acabou não, né? Estamos treinando juntos aqui, calma, que eu nem tô sentindo dor ainda, você tá?

Prof. Lucas: Eu não.

Prof. Volney: Eu aprendi com um professor na faculdade que só funciona se sentir dor e eu agora aqui tô longe disso. Agora é sua vez de falar quais os exercícios que vamos fazer, porque até agora só eu que tô falando.

Prof. Lucas: Você é mais experiente na musculação, fala você, daí vamos chegar na dor mais rápido.

Prof. Roger: Você faz a quantidade de flexões de braço que eu faço?

Prof. Ciro: Não sei, mas acho que você não faz o que eu faço: bato palmas durante o exercício.

Prof. Roger: Aí, fica muito difícil, porque antes desse exercício, eu faço dois exercícios ao mesmo tempo, conjugando os dois, dor tensa!

Essas competições sobre quem era o melhor no que diz respeito a chegar a determinado “limite” corporal das dores de esforços físicos aconteciam, não raro, diante dos alunos. Em outras palavras, a performance corporal face às dores deveria ser mantida pelo professor diariamente haja vista que se tornava uma competência laboral. Tratava-se de uma forma de *marketing* pessoal para serem bem vistos pelos seus alunos, ou ainda, como uma maneira de atrair os “olhares” dos clientes, caso estes estivessem na dúvida de quem contratar como *personal trainer*. Sobre o professor de Educação Física, Fonseca *et al.*<sup>9:376</sup> apontam

justamente que “[...] conquistar um ‘aluno’ exige do profissional estratégias comerciais [...] envolve aulas experimentais, estratégias de convencimento sobre a efetividade do treinamento, como, por exemplo, a relação de exercício e dor”.

Dessa forma, a concorrência entre os professores quanto ao mercado de *personal trainer* era grande, pois aquele local abrangia um vasto público e com um poder aquisitivo muito acima de outros estabelecimentos da cidade carioca. Alguns exemplos: mostrar para os clientes que era possível executar dezenas de exercícios físicos durante os intervalos, ultrapassando os seus “limites”; gemer alto durante e após algum “exercício físico pesado” era uma estratégia utilizada por alguns professores para terem visibilidade naquele espaço; exercitar-se nas principais passagens e caminhos de entrada-saída da sala de musculação também era um recurso utilizado para chamarem a atenção dos clientes. O uso da *internet* e de redes sociais tornava-se igualmente uma boa estratégia de divulgação de suas performances corporais através de fotos e vídeos. Muitos professores, para se destacar, criavam exercícios físicos atípicos daqueles que rotineiramente eram executados naquele espaço como, por exemplo, movimentos denominados de “funcionais” pela sua suposta capacidade de reproduzir e proteger o corpo de alguma tarefa do cotidiano. Outros professores ficavam longos períodos de tempo pulando corda ou realizando centenas de abdominais para demonstrar sua capacidade de resistência e competência profissional. Em suma, os profissionais exercitavam as suas performances o que, para Schechner<sup>3</sup>, corresponde a fazer algo com “sucesso” se exibindo para o outro com a intenção de formar ou modificar uma identidade, construir ou legitimar determinado grupo social.

Assim, os períodos de intervalo, de “não-trabalho”, tornavam-se, na verdade, um momento de trabalho de *marketing* pessoal e de investimento na captura de novos clientes. Ou seja, o trabalho, mesmo que não fosse atividade física todo o tempo, era ininterrupto. Quellas<sup>11:207</sup> identificou em sua pesquisa com profissionais de Educação Física que este tempo aparentemente “livre” era “[...] ocupado por atividades relacionadas ao trabalho, como a reposição de treinos para clientes e a realização de exercícios pessoais que procuram manter o padrão estético exigido para trabalhar neste segmento”.

Em inúmeras vezes, os alunos elogiavam ou criticavam o profissional que chegava ou não ao seu “limite” corporal: “te vi treinando naquele dia, hein, você tava bem!” ou “que milagre você treinando, quase não te vejo aqui nessa intensidade!”, etc. Ao mesmo tempo em que demonstravam seus potenciais relativos aos corpos no “limite”, os profissionais ficavam vulneráveis aos olhares escrutinadores dos alunos. A racionalidade do “limite” de dores corporais era impositiva no sentido de “mão-dupla”. Por exemplo, quando os alunos diziam que os profissionais estavam se exercitando sem dores ou quando comparavam as suas performances com as dos professores, estes argumentavam que não estavam no “limite”, era somente aquecimento, um exercício leve de recuperação, estava no fim da execução do movimento, etc.

Dessa forma, os professores competiam entre si para “ganhar” os alunos utilizando o argumento que “eram mais exigentes que os outros”. No momento que entrava um aluno recém-chegado à academia, este era abordado por quase todos os profissionais com o intuito de “vender” o que poderia se exigir dos corpos no “limite”. Não raro, essas situações de competição geravam conflitos entre os professores na disputa para ser *personal trainer* de alunos em potencial. Observei um profissional que ao orientar o aluno de outro professor, anotava o número do seu celular para entrar em contato com ele depois do término da prescrição de exercícios físicos. Em outra situação, vi que embora a recepcionista tivesse indicado um aluno para determinado profissional, outro professor fez questão de se apresentar e abordar de uma forma que seria ele quem atenderia. Outro exemplo que poderia ser destacado era a disputa entre professores em atender determinado aluno que vinha para o setor

de musculação com vários acessórios em ouro (cordão, relógio, pulseira, etc.) mostrando o seu poder aquisitivo.

A partir da dor como fazendo parte da performance, o professor quando queria demonstrar um exercício físico novo ou corrigir alguém na musculação, se exibia com pesos bem acima do que o aluno poderia aguentar; isso constrangia o aluno e o fazia admirar o desempenho do profissional. Essas demonstrações eram dramatizadas pelas expressões faciais que nitidamente aludiam a grandes estafas; os profissionais treinavam sozinhos com cargas elevadas, mas diante de seus alunos, mesmo com cargas menores, eles faziam tais dramatizações. Presenciava algumas situações em que o aluno solicitava ao professor para abaixar a carga sem ter o risco de se machucar, e esse geralmente recusava com a premissa de que “se eu faço, você consegue também! Tente ao menos!”.

A própria disposição dos equipamentos da academia contribuía para os profissionais mostrarem suas performances face às dores. Enquanto os professores atuavam como “atores” em seus “espetáculos” com os exercícios físicos na musculação, grande parte dos alunos os assistia. Eram na verdade uma “plateia”, expectadores consumidores de serviços de práticas corporais. Se o professor conseguisse “encenar” que ele era “melhor” do que os outros em relação aos “limites” das dores corporais, certamente, este era mais solicitado como *personal trainer*.

Assim, o professor de Educação Física assumia certas posturas, disposições e relações do corpo, interiorizadas ao longo da sua trajetória induzindo na sua maneira de agir, de sentir e de pensar profissionalmente. Isso se caracterizava por um tipo de “fachada pessoal” que geralmente é desenvolvida no interior de um estabelecimento comercial e social para conquistar a platéia<sup>1</sup>. Argumento que havia determinados tipos de “atuar” como professor de Educação Física, uma vez que “Sua atividade está centrada na execução e nas advertências de ritmo e correções durante a sessão, estimulando, corrigindo e animando os alunos.”<sup>29:182</sup>. Em suma, a “linguagem ou postura corporal” do professor de Educação Física emitindo certos “sinais” de como “fazer” ou “falar” durante os contatos face a face, por exemplo, perante os “limites” nos exercícios físicos refletia o conjunto de “ser” o (e não somente um ou mais um) “profissional”.

Da mesma forma, ao direcionar o aluno no “limite” das dores e ao conceber para si dadas performances nas práticas corporais, o professor dali se alinhava à algumas linhas de apresentação de como agir com/para/ no corpo. O professor dali fazia com que, muitas vezes, as práticas corporais fossem realizadas à luz de referenciais rígidos de rendimento (geralmente, atrelado a parâmetros estatístico-biomédicos) e de performance (habilidade e destreza) derivada do adestramento do corpo visando resultados considerados ideais no sentido estético e/ou de saúde pela perspectiva biomédica, por exemplo. Desse modo, partindo da premissa de que nas interações face a face, o corpo em si já possui determinada performance nas relações sociais<sup>2</sup>, era possível observar que havia um tipo de desempenho profissional que permeava certo *ethos* da profissão no que diz respeito às dores corporais.

Elementos simbólicos entre homens e mulheres também foram possíveis de observar em relação à dor e performance neste espaço predominantemente masculino. As poucas professoras de Educação Física que trabalhavam na musculação expressavam que se sentiam “inferiores” a determinados alunos homens, isto é, comentavam que não se sentiam úteis ou atuantes daquele espaço, pois não tinham tanta visibilidade quando comparadas aos professores homens. As professoras relatavam também que parte dos homens não as procurava e nem acreditava tanto em suas orientações. As duas professoras de Educação Física eram mais acionadas pelo público masculino homossexual, por aquele grupo mais estigmatizado no local (obesos, idosos, etc.) ou pelos homens “marombeiros” que desejavam que elas montassem um “treino de pernas”, pois disso elas entendiam bem, diferentemente

dos outros cinco a seis professores homens que circulavam por ali naquele horário. Elas relatavam sofrer assédio moral no trabalho por esses alunos, seja com “paqueras” ou “ignoradas” para ajudá-los. Uma das professoras me contava que usava aliança dourada no dedo anelar da mão esquerda para evitar “piadas” de mau gosto no que diz respeito a “paqueras”. Toda vez que eu conversava sobre o assunto da profissional mulher na sala de musculação, parecia que elas se empolgavam com o tema: sempre queriam saber como ocorria o meu estudo, contavam alguns “casos” sem eu pedir absolutamente nada, se e como poderiam ajudar no meu trabalho, etc.

Tais professoras relatavam, o que eu também conseguia observar frequentemente, como elas eram rejeitadas inclusive pelos próprios profissionais homens, que as mandavam sair de determinados lugares de atuação na sala de musculação com argumentos que não eram “muito especialistas em treinos pesados”, ou lhes davam ordens para fazerem tarefas que não cabiam somente a elas, tais como: controlar a temperatura do ar condicionado, anotar quantos alunos frequentavam o espaço naquele dia, arrumar os equipamentos e acessórios da sala de musculação, etc. Grande parte delas ficava realizando exercícios de alongamento com os alunos, ou seja, “alongar” estaria mais próximo do “feminino” pelo pouco ou nenhum esforço físico implicado naquele tipo de atividade. A cada mês que passava, uma professora pedia demissão ou transferência de setor de atividade (avaliação funcional, esportes coletivos, natação, etc.) e de unidade da mesma rede de academias, pois ali, segundo elas, “era um saco essa coisa de ser mulher”. Durante alguns meses do meu trabalho de campo, a academia ficou sem professoras no espaço de musculação. Quando houve a contratação de uma nova profissional de Educação Física, presenciava inúmeros “burburinhos” no sentido de questionarem a sua competência profissional e, inclusive, sexual.

Assim, as professoras eram estigmatizadas, sobretudo por parte dos profissionais homens. Com base em Goffman<sup>30</sup>, elas eram vistas de modo depreciativo uma vez que, por serem mulheres no espaço da musculação visto eminentemente como “masculino”, possuíam características desacreditáveis que as tornavam “incompetentes” no sentido profissional. Os profissionais homens reforçavam que treinar no “limites” das dores era uma espécie de se exercitar que nem “homem” com “H” maiúsculo. Eles ratificavam determinada performance reiterando a ideia de “falar” o que se encaixaria nos interesses de determinados “clientes”, ou seja, desempenhavam certos papéis sociais de acordo com os contatos face a face<sup>1</sup>. Nessa lógica, os profissionais ainda costumavam zombar um do outro para afirmar suas masculinidades pelas lógicas heteronormativas, com palavras e expressões jocosas como, por exemplo: “boiola”, “quem pegou mais ou menos “mulheres”, “quem tinha o pau maior”, “quem no banheiro teria manjado o piru do outro”, ou até mesmo “quem tinha pego a professora fulana” etc.

Enfim, várias simbologias e performances transitavam nesse espaço. O professor de Educação Física pode ser considerado um exemplo de performance corporal no que diz respeito à sua técnica, isto é, a forma com que executa os movimentos tornando o seu corpo como uma espécie de “laboratório” de um acúmulo de vivências e práticas<sup>29</sup>. Tal situação demonstrava que o discurso técnico-científico do âmbito da Saúde em termos biomédicos nem sempre era aplicado “puramente” pelos professores de Educação Física, uma vez que estes resignificavam os seus usos do corpo a depender das interações sociais cotidianas com o intuito de manterem performances em seus lugares sociais como profissionais sempre no “limite”.

## Conclusões

Em suma, foi possível observar que os profissionais de Educação Física do setor da musculação especificamente desta academia de grande porte estavam no “limite” da performance laboral e da dor corporal. Se o ato de desempenhar performance significa trabalhar de modo eficiente e com o máximo de produtividade<sup>3</sup> e se os contatos face a face cotidianos são modulados em função dos contextos e grupos sociais envolvidos<sup>1</sup>, conclui-se que não havia distinção entre desempenhos corporais e laborais na atuação do professor com seus alunos no que diz respeito à dor.

As performances corporais relativas às dores não faziam somente parte do trabalho, mas estavam incorporadas como um dos requisitos fundamentais para atuar profissionalmente, o que interferia sobremaneira na prática e no trabalho cotidiano do professor. Desse modo, para além da estética corporal e da apresentação de uma imagem vista como saudável ou da aptidão física como requisitos importantes para atuação do profissional de Educação Física, sugere-se que demonstrar enfrentamento e resistência à dor no próprio corpo se estabelece também como um meio de se afirmar ou de ser reconhecido pelos alunos ou clientes.

Portanto, nesse contexto, a busca do professor de Educação Física por certa “autoridade corpórea” atrelada a ideia de “competência” indica e ilumina como outros profissionais de diversos campos de atuação podem lidar com o próprio corpo. Mais do que julgar determinadas intervenções com/para o outro, é entender que há lógicas no exercício da profissão marcada por exigências de certos “desempenhos” em ambientes de competitividades mercadológicas acirradas face à conquista e à fidelização de clientes.

## Referências

1. Goffman E. A representação do eu na vida cotidiana. 10. ed. Petrópolis: Vozes; 2002.
2. Goffman E. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes; 2011.
3. Schechner R. Performance studies: an introduction. 2. ed. New York & London: Routledge; 2006.
4. Schechner R. Performers e espectadores: transportados e transformados. *Moringa* 2011;2(1):155-185.
5. DaMatta R. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco; 2010.
6. Le Breton D. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis: Vozes; 2011.
7. Espírito-Santo G, Mourão L. A auto-representação da saúde dos professores de Educação Física de academias. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* 2006;27(3):39-55.
8. Palma A., Jardim S, Luiz RR, Silva Filho JF. Trabalho e saúde: o caso dos professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. *Cadernos IPUB (UFRJ)* 2007; 13:11-30.
9. Fonseca RG, Corrêa AA, Silva PM, Soriano JB. O conhecimento profissional na intervenção em Educação Física: um estudo de caso etnográfico. *Rev Educ Fís UEM* 2009;20(3):367-380.
10. Vilhena LM, Santos TM, Palma A, Mourão L. Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* 2012;34(2):449-464.
11. Quelhas AA. Trabalhadores de Educação Física no segmento fitness: um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais]. Marília: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências; 2012.
12. Coelho Filho CAA. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. *Movimento* 2000/1;6(12):14-24.
13. Silva AC, Lüdorf SMA. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão. *Rev Educ Fís UEM* 2010;21(4):645-654.
14. Lüdorf SMA, Ortega FJG. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. *Interface (Botucatu)* 2013;17(46):661-675.

15. Freitas DC, Palma A, Coelho Filho CA, Lüdorf SMA. O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. *Movimento* 2014;20(4):1523-1541.
16. Sarti C. A dor, o indivíduo e a cultura. *Saúde soc.* 2001;10(1):3-13.
17. Silva AC. “Limites” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. [Tese de Doutorado em Saúde Coletiva]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva; 2014.
18. Peirano M. Etnografia não é método. *Horiz. Antropol.* 2014;20(42):377-391.
19. Peirano M. A favor da etnografia. Brasília: UnB/ Série Antropologia; 1992.
20. Clifford J. Sobre a autoridade etnográfica. In: Gonçalves JRS, organizador. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; 2008, p. 17-58.
21. Beaud S, Weber F. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes; 2007.
22. Silverman D. *Interpreting qualitative data: methods for analyzing, talk, text and interaction*. 3. ed. London: Sage; 2006.
23. Deslandes SF. Trabalho de campo: construção de dados qualitativos e quantitativos. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER, organizadores. *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 2005, p. 157-184.
24. Becker H. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2007.
25. Peres MS. Tem que correr, tem que malhar: uma reflexão sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Arq. mov.* (Online) 2011;7(2):97-118.
26. Crossley N. In the gym: motives, meaning and moral careers. *Body Soc.* 2006;12(3):23-50.
27. Boltanski L. *As classes sociais e o corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal; 1984.
28. Guimarães JCM, Moura DL, Antunes MM. Quando a beleza põe mesa: uma análise das condições de trabalho do profissional de Educação Física em mega-academias. *Motriviv.* 2011;23(36):197-213.
29. Gomes IR, Chagas RA, Mascarenhas F. A indústria do Fitness, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de Educação Física: o caso Body Systems. *Movimento* 2010;16(4):169-189.
30. Goffman E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC; 2008.

Recebido em 11/12/15.

Revisado em 06/04/17.

Aceito em 02/05/17.

---

**Endereço para correspondência:** Alan Camargo Silva. Avenida Carlos Chagas Filho 540, Ilha do Fundão, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP 21941-598. E-mail: alan10@zipmail.com.br